

Ecos do Centenário de Simões Dias

— Por **AMÂNDIO GALVÃO**

Nesta crónica — consagrada inteiramente à Comemoração do Primeiro Centenário da Morte de Simões Dias (acontecimento que, como é sabido, teve lugar no passado dia 16 na Benfeita) — importa que o leitor tenha em conta, desde já, o seguinte:

A Comemoração constituiu, em meu modo de ver, um êxito algo surpreendente: pela inteligência da concepção do programa; pela qualidade da realização das cerimónias e pela aderência do público, que foi numero-

so e interessado. Assim sendo, natural seria que me fosse referir aqui a todos esses aspectos em pormenor; não o farei, todavia, por me parecer que a imprensa local, em devido tempo, tanto no período que dedicou à preparação do evento como na reportagem que fez do mesmo a seguir, disse o bastante para que me dispense eu agora de voltar aos aspectos ali abordados. Desta forma, evitarei repetições escusadas e pouparei tempo ao leitor.

Vou fazer, no entanto,

uma excepção, relativamente ao conteúdo do programa, apenas para sublinhar de forma esquemática, aqueles que foram, para mim, os pontos mais altos da Comemoração, a saber: no cemitério da Corga, o descerramento do cofre com os restos mortais de Simões Dias e, em simultâneo, inauguração do arranjo arquitectónico, que integra o mesmo — arranjo particularmente feliz, do arquitecto Jorge Gonçalves, do Porto. A cerimónia teve palavras de Mário Vale, na qualidade de vereador da Cultura da Câmara Municipal de Arganil, e de familiar do poeta; durante a sessão solene que se seguiu (na sede da Liga de Melhoramentos da Benfeita): apresentação ao público das *Penínsulares*, de Simões Dias — livro de há muito esgotado —, feita por Carlos da Capela, com judiciosas con-

(Continua na 5.^a página)

Ecos do Centenário de Simões Dias

(CONTINUADO DA 1.ª PÁGINA)

siderações sobre a obra, o autor e o destino mais recomendável da nova edição, a qual foi editorialmente enriquecida com uma formosa capa, reproduzindo um quadro do pintor Alberto Pêssimo; e o trabalho ensaístico, de fundo, sobre a obra literária de Simões Dias, apresentado pelo dr. Joaquim António dos Santos, do Porto; seguiram-se vários discursos: de António Martinho, presidente da Junta de Freguesia de Benfeita; de Vítor Alves da Silva, da Casa da Comarca de Arganil, de Lisboa; de Carlos Cerejeira, da «Comissão da Benfeita»; do dr. Ricardo Castanheira, presidente da Editorial Moura Pinto; do dr. Fernando Valle; do eng. Rui Silva, presidente da Câmara de Arganil; da sr.ª D. Maria da Graça Simões Dias, que representava a família do homenageado; e do dr. Mário Ruivo, em representação do governador civil de Coimbra. De todas estas falas destacarei a do dr. Fernando Valle que relacionou a figura e a obra de Simões Dias com o meio em que nasceu, e a do dr. Ricardo Castanheira que, a propósito do homenageado, se referiu às potencialidades humanas do concelho de Arganil. Na segunda parte desta sessão foi ainda momento alto: a leitura de poesias de Simões Dias, seleccionadas e lidas pelo poeta Fernando Ferreira, com acompanhamento musical, à viola, de José Paulo, do Porto.

Dito isto, irei então debruçar-me sobre a forma como o público viveu este memorável encontro.

É claro que há diferentes maneiras de marcar presença num acto desta natureza. Há quem vá por ver os outros, quem apareça só para ver o que se passa, quem não pretenda mais que ser visto, etc., etc.. Mas há também quem proceda de moto próprio, com plena consciência do que está a fazer, esquecendo-se de si, para pensar apenas no motivo da homenagem.

Ora, o que a este respeito me impressionou nas cerimónias da Benfeita, foi o ter ficado convencido, depois do que pude observar, que, por assim dizer, toda a gente que ali se deslocou no dia 16 o fez realmente por imperativo de consciência, sem alardes, a fim de, simplesmente, afirmar com a sua presença o respeito e a admiração que nutre pela memória de Simões Dias. E este não foi certamente o aspecto que menos contribuiu para que as cerimónias tivessem atingido tão elevado grau de dignidade.

Esta homenagem ficou a dever-se a (mais) uma iniciativa da Editorial Moura Pinto, entidade, como é sabido, sediada em Coja e orientada para o fomento da animação cultural na sua região, embora com especial incidência, como é compreensível, no seu próprio concelho, que é o de Arganil, podendo a sua actividade, em princípio, recair em qualquer área da cultura.

Só que, para mim, uma estrutura desta natureza ape-

nas merece o nobre qualificativo de «cultural» quando, a par da sua finalidade específica — não esquece uma outra finalidade superior, complementar daquela: a de promover, simultaneamente, a cultura *espiritual* das pessoas envolvidas nas suas iniciativas; dito doutra maneira: quando orienta as suas actividades de modo a contribuir para o enriquecimento espiritual de quem nelas participa.

Pois muito bem, o caso da última homenagem à memória de Simões Dias, na forma como foi concebida e organizada e no resultado prático que alcançou em termos de participação humana, parece-me exemplificar a primor uma iniciativa em que ressalta a característica que atrás aponte.

Até a memória de um figura com a projecção pública que Simões Dias alcançou — não está livre do efeito desgastante do tempo. Na vila de Arganil, por exemplo, a praça principal da terra ostenta o nome de Praça Simões Dias. Todavia, cem anos após a morte do homenageado — quantos serão os moradores que desconhecem quem foi, de facto, Simões Dias? Provavelmente, a maioria! Assim sendo, entendeu a Moura Pinto — e bem, em meu modo de ver — celebrar o centenário daquela morte fazendo preceder a data da celebração de razoável período de esclarecimento em que, através da imprensa local, foi recordando, a pouco e pouco, os traços principais da figura e da obra do homenageado.

E assim conseguiu a Editorial que a sua mensagem atingisse muitos arganilenses (da vila e de fora) que vivem em condições de se poderem interessar por assuntos desta natureza. Mais: conseguiu, presumivelmente, suscitar nelas, mercê da informação que lhes facultou, verdadeira *admiração* pela memória de Simões Dias. Ora isto é muito importante pelo que representa como enriquecimento espiritual desses arganilenses.

Com efeito, admirar sinceramente uma coisa digna de o ser (neste caso, a figura e a obra dum nobre cidadão e consumado poeta) é combater ao mesmo tempo a tendência natural para ser *egoísta*, na medida em que se é levado a desviar a atenção de interesses pessoais — que, por vezes, tão mesquinhos e absorventes são! Por outro lado, admirar a vida e a obra duma pessoa é, em si mesmo, praticar um acto de *humildade*, — que vai contra tendência natural para olhar os outros de cima para baixo. Em suma, admirar a vida e a obra de alguém é contribuir para o nosso próprio *aperfeiçoamento interior*, digamos: contribuir para embelezar a alma, — o que significa abrir caminho para ser mais *culto*, espiritualmente falando.

Perante o apreciável número de pessoas que se deslocaram à Benfeita, e sobretudo, perante a seriedade e dignidade de que se revestiram as diferentes cerimónias, e o clima de inegável

civismo que ali se gerou, sou tentado a concluir que a celebração do dia 16 (começando por constituir uma excelente prova de cultura, da parte de quem nela participou) atingiu um elevado nível de qualidade. Dir-se-ia que a graça da supremacia do espírito desceu sobre a Benfeita a fim de assinalar luminosamente a passagem da efeméride. Assim sendo, penso que os arganilenses — da vila do concelho — devem estar orgulhosos pela forma francamente exemplar como foi celebrada a memória do seu poeta maior.

Dito isto, compreende-se que aproveite esta oportunidade para louvar a Editorial Moura Pinto, pela forma brilhante como levou a cabo o objectivo que se propôs, aliás, com a ajuda empenhada da Câmara de Arganil, Junta de Freguesia da Benfeita, Liga de Melhoramentos da Benfeita, individualidades diversas (que contribuíram financeiramente) e Imprensa local.

Aqui tem o leitor, registada de modo sucinto, a impressão que me deixou aquele que foi certamente um acontecimento merecedor de figurar, com destaque, na história social do concelho de Arganil.

Só mais algumas palavras para dois breves apontamentos, que penso inteiramente justificados.

Eis o primeiro. Reparei que nas cerimónias da Benfeita, participaram pessoas de diferentes formações, política e religiosa. Em todas pude adivinhar, no entanto, a mesma seriedade de propósito e o mesmo grau de empenhamento. Ah! Como foi exaltante presenciar um quadro humano assim! Bendita, seja, pois, a cultura — verdadeiro garante do entendimento entre os homens!

O segundo apontamento diz respeito a Carlos da Capela, que foi corpo e alma de tudo aquilo! Não sei de quem se lhe possa comparar em fidelidade às origens (as suas estão na Benfeita) e amor à cultura. Poucos terão feito tanto pelo fomento da cultura no concelho de Arganil como Carlos Dias, mercê da largueza da sua visão, da determinação da sua vontade e da riqueza dos seus vários talentos, de intelectual e de artista. Arganil e o seu concelho devem-lhe uma enorme gratidão. Não regateamos, pois simpatia à sua pessoa, respeito ao seu trabalho e amor à sua obra.

AMÂNDIO GALVÃO